
Manual virtual para combate à pandemia da COVID-19 no Piauí¹

Lara Pereira Silva²

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (Teresina – PI)

Orlando Maurício de Carvalho Berti³

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (Teresina – PI)

Resumo

Em tempos pandêmicos, ainda em voga, questiona-se como inovar para combater a pandemia da COVID-19. Este artigo trata do Manual virtual para combate à pandemia da COVID-19 no estado do Piauí e realiza reflexões, por meio de relatos acadêmicos, sobre as oportunidades de inovações tecnológicas sobre o combate a esta pandemia e a outras pandemias e epidemias. Destaca-se o poderio das redes sociotécnicas nesse processo e, principalmente, uma maior interação com os públicos infoconectados.

Palavras-chave

Comunicação; inovação; tecnologias sociais; COVID-19; Piauí.

A pandemia da COVID-19 e a necessidade de maior mediação comunicacional

Desde o início da humanidade, a civilização enfrenta modificações no cotidiano, costumes, cultura, modos de viver e pensar. Assim, precisa se readaptar constantemente a fim de sobreviver e perpetuar a espécie. Permeando essa evolução em diversos aspectos, também esteve presente a evolução dos vírus e o surgimento e disseminação de novas patologias. Porém, o último registro de um vírus tão mortal está registrado há mais de cem anos, quando o vírus H1N1 ocasionou a Gripe Espanhola onde “estima-se majoritariamente que o número de mortos esteja entre 17 milhões a 50 milhões, com algumas projeções indicando até 100 milhões” (SCHUELER, 2021, p. 1).

Dado a contextualização e exposição de que passamos tanto tempo sem uma crise global e avassaladora de saúde, a pandemia do novo coronavírus nos pegou de surpresa.

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmica do Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina (PI)) – e bolsista de Inovação Tecnológica na Universidade Estadual do Piauí, com financiamento pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: larapsilva@aluno.uespi.br

³ Professor, pesquisador e extensionista do Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina. Colabora com o campus Professor Barros Araújo – Picos). Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor e mestre em Comunicação Social pela UMESP. Fez doutorado-sanduíche na UMA – Universidad de Málaga (Espanha). É líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. Desenvolve pesquisas e trabalhos extensionistas sobre pandemia, saúde, comunicação, tecnologias sociais e Jornalismo. Orientador do trabalho. E-mail: berti@uespi.br

Desde o fim de 2019, o SARS-CoV-2 preocupa autoridades de saúde em todo o mundo. O vírus que causa a Covid-19 foi oficializado como uma pandemia em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e impactou a sociedade em diversos aspectos: econômicos, sociais, culturais, políticos, educacionais e jornalísticos, claro. Já que as equipes de dentro e fora das redações e universidades não ficaram alheias a todas as modificações que aconteceram nos últimos dois anos.

Em um cenário na qual todas as profissões tiveram de se readaptar, o Jornalismo também procurou seguir a recomendação, para continuar exercendo seu papel de forma segura e eficaz, ainda que na linha de frente, correndo diversos riscos e com a carga de trabalho triplicada (CUNHA, 2021, p. 45).

O período de isolamento social trouxe mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo e aumentou ainda mais os desafios do dia a dia da profissão. Pois como acompanhar de perto e transmitir determinada informação de forma responsável mantendo a distância segura para não se infectar com a doença? Por um lado, esse paradoxo reforçou a importância do jornalismo como mediador de sentidos. Conforme Yasmim Cunha (2021), a maior parte da população utiliza a imprensa como fonte de informações e dados sobre a pandemia, reforçando assim o papel do jornalismo em momentos de crise. Pois o jornalismo, sendo a fonte da sociedade, pode acalmar ou alertar na mesma medida. De outro, fez-se necessário reforçar a prática dos princípios éticos dos profissionais da comunicação e readaptar a rotina produtiva das redações.

A Covid-19 era uma doença nova. Se estava sendo difícil para a comunidade científica e para os profissionais da saúde lidar com a situação, era mais complicado ainda para a população em geral. Pouco se sabia sobre o surgimento da doença, quais medidas precisávamos tomar, era necessário usar máscaras? Ficar em casa? Quais eram os sintomas? Haviam medicações para isso? Quando deveria ir ao hospital? À medida em que as informações foram surgindo e sendo esclarecidas, os jornalistas eram os responsáveis por informar em ritmo frenético de atualizações constantes, incluindo os dados e as tristes notícias dos primeiros casos e primeiras ocorrências de morte. “O Jornalismo, e conseqüentemente os jornalistas, precisaram ter ainda mais cautela e seriedade na hora de lidar com esses tipos de conteúdo, dados, e assuntos relacionados à pandemia, sendo assim, uma espécie de readaptação” (ROHDE, 2020 *apud* CUNHA, 2021, p. 30).

Se a população dependia do jornalismo para ter acesso a informações confiáveis, as empresas de comunicação precisaram se organizar de forma que o ritmo de trabalho não fosse prejudicado. Por causa do isolamento, muitas redações logo se transformaram em um modelo híbrido de elos interligados para transmitir os fatos e retratar a pandemia com a importância e a sensibilidade que o tema necessita. “Os relatos jornalísticos foram decisivos para dar ‘vida’ à Covid-19, devido a uma publicação diária sem precedentes por parte dos meios de comunicação” (FERRAZ, 2020, p. 274).

O novo modelo híbrido de produção jornalística trouxe aspectos positivos e negativos. Nos beneficiamos com o avanço das entrevistas à distância, por exemplo, usufruindo cada vez mais da qualidade dos *softwares* e tendo menos necessidade da presença geográfica de um entrevistado para que haja uma contribuição técnica. Surgiram também novos formatos de interação, que tornaram a comunicação mais fluida, humana, expandida e imersiva, como o uso da ferramenta *Reels* na rede social *Instagram* para chamar atenção dos usuários às matérias produzidas para os veículos de comunicação ou o surgimento de canais de comunicação no aplicativo de mensagens *Telegram*, contribuindo para a interação do público de um nicho interessado em receber informações sobre determinada temática.

Em contrapartida, o tempo de *home office* também contribuiu para nos tornarmos profissionais acomodados, acentuando uma prática já antiga nas redações do “jornalismo de secretária”, que conforme Filipa Soares (2012, p. 20-31) são os profissionais que apenas reproduzem notícias dos outros, sem a devida checagem ou enfrentando dificuldades de verificação e avaliação mais profunda dos acontecimentos. Esse tipo de atuação profissional iniciou-se por falta de profissionais dentro das redações, e foi naturalizada ainda mais durante a pandemia, onde não havia a possibilidade de contato físico, alimentando a falsa impressão de que isso torna o trabalho mais prático e produtivo.

Além dos desafios geográficos, de forma muito intensa as *fake news* relacionadas à Covid-19 permearam a sociedade. Informações falsas, de caráter duvidoso, negacionismo e descrédito com o trabalho da imprensa foram grandes obstáculos na cobertura dos fatos. Conforme André Rohde (2020 *apud* Cunha 2021, p. 47) “a informação enquanto notícia, salva, mas também prejudica”, assim, não bastava informar a população da maneira certa, também foi trabalho do jornalista desmentir os boatos e reafirmar várias vezes o que se tinha de informação concreta em meio ao caos, visto que

“quando o assunto é saúde, as *fake news* podem ser ainda mais devastadoras e ter consequências mais maléficas, impactando expressivamente uma geração inteira” (BERTI, 2020, p. 171).

Todo esse esforço de articular a informação corretamente também foi um meio que o jornalismo encontrou de amenizar o impacto no sentimento de caos sentido por toda a humanidade. Em meio a muitas perdas, com sistemas de saúde sobrecarregados, guerras ideológicas, enfrentando dificuldades em manter a subsistência básica e precisando lidar com a quebra de rotina, o cenário não era fácil para nenhuma área, tudo o que foi impactado e todas essas modificações precisavam ser abordadas na mídia.

Em tempos pandêmicos a mediação informacional é essencial para os esclarecimentos sobre as notícias que ocorrem no mundo, desenvolvendo como nunca seu papel social, sendo a transparência e a clareza que o público precisa (CUNHA, 2021, p. 33).

Mas de que forma a pandemia foi abordada? Qual a importância da mediação comunicacional ao relatar os acontecimentos pandêmicos?

De acordo com Sodré (2009 *apud* LASTA, 2015, p. 122) mediação significa fazer uma ponte entre duas partes. Para unir dois lados é necessário um mediador, que no caso da informação, são os jornalistas. Durante a pandemia, houve a necessidade de mostrar e analisar todas as vertentes de impacto, mas nesse caso específico, diferentemente do dia a dia das produções jornalísticas, uma informação influencia a forma de agir de quem está consumindo pois “cada informação repassada pode causar impacto, salvar vidas e auxiliar na tomada de decisões” (CUNHA, 2021, p. 34). Sendo assim, a mediação precisou se fazer ágil, precisa e, principalmente, responsável, como explicam João Miranda, Joaquim Fidalgo e Paulo Martins (2021, p. 293):

Na cobertura informativa da pandemia se criou uma espécie de “estado de emergência”, pela compreensão de como eram melindrosos muitos destes temas, de como os rumores e as mentiras se misturavam com as notícias e de como, portanto, a falta de uma adequada disciplina de verificação (Kovach & Rosenstiel, 2014) fazia perigar o próprio sentido de responsabilidade dos mídia.

Tais temas complicados continuam desafiando os jornalistas, como explicam Cleide Antoniutti *et al* (2022) sobre a concentração de informações sobre a Covid-19 em 2020 se dava pelo desconhecimento, precisávamos saber que atitudes tomar e como o

vírus agia. Já em 2021, o tema ganha novas vertentes, com foco na vacinação e nos desdobramentos para que a população fosse imunizada. Acrescenta-se que em 2022, os temas tratados nos anos anteriores são reforçados pela imprensa a fim de evitar novos colapsos, destaca-se por exemplo a importância dos cuidados básicos, como máscaras e higiene pessoal, e da vacinação, especialmente das doses de reforço.

Entretanto, nos três anos pandêmicos, as temáticas advindas dos rumores ainda permeiam a atuação dos media, destacando-se as inúmeras crises políticas, o negacionismo e as *fake news* que, segundo Marlise Brenol (2020, p. 291), são propagadas pela ausência de uma estratégia de comunicação unificada. Que conforme Vinícius Silva e Valquíria Kneipp (2021, p. 4) não existe porque:

A precarização da jornada de trabalho, enxugamento das redações e pressão para entregar o furo jornalístico antes de todos os outros meios de comunicação, como efeito colateral desse sistema mercadológico, vem tornando o profissional do jornalismo moderno mais propenso a propagar inverdades, seja por indisponibilidade de tempo para um processo de apuração mais profundo, falta de instrumentos de pesquisa e/ou de análise ou, simplesmente, por ser obrigado dentro de circunstâncias que fogem de seu poder, a replicar as mesmas informações de outros portais noticiosos sem verificar seu conteúdo.

Diante disso, observa-se que os jornalistas, mesmo enfrentando desafios e readaptações em suas rotinas produtivas, foram profissionais de suma importância no enfrentamento à pandemia, uma vez que “os profissionais da saúde podem deter o conhecimento, mas sem os jornalistas [...] não conseguem transformá-lo em prática no cotidiano das pessoas” (COUTINHO; PEREIRA, 2020, p. 261-262), reforçando a importância da mediação informacional que esses profissionais exercem na sociedade.

Inovação e tecnologias sociais: um debate necessário para a mediação informacional contemporânea

Em meio às dificuldades e necessidades de readaptação, algumas áreas desenvolveram em poucos meses o que seria desenvolvido em uma década, como destaca Nicholas Vital (2020). Esse processo acelerado trouxe alguns legados pandêmicos positivos, onde destacam-se principalmente os âmbitos que dizem respeito à tecnologia e inovação. Aplicadas ao jornalismo, essas ferramentas facilitaram o processo de comunicação, contribuíram com uma maior agilidade no compartilhamento de informações e, conseqüentemente, fizeram com que os profissionais desenvolvessem

novas habilidades para lidar com um novo tipo de consumo midiático por parte do receptor final, o público.

Mas o que é, de fato, considerado inovação?

Conforme Ana Marta Flores (2017, p. 2), a inovação, inicialmente, é uma constante busca pelo novo. Baseando-se no conceito de que “nem toda mudança é inovação, mas toda inovação exige mudança” (HARGIE; TOURISH, 1996 *apud* FLORES, 2017, p. 2), a autora explica que a inovação no jornalismo se aplica na forma de se renovar, pois a novidade é o combustível dos profissionais que atuam na área. Assim, observa-se que a cobertura pandêmica caminhou e se desenvolveu junto à inovação pois, de fato, tudo era novo.

Não ter contato físico com as fontes. Usar máscaras. Redações silenciosas. Empresas vazias após um caso de contágio. Videochamadas. Ao mesmo tempo que cada uma dessas coisas foi necessidade e adaptação, também foram formas de inovação. Pois, com base no pensamento de Elaide Martins (2018, p. 36), podemos entender inovação como a introdução de diferenciais ou melhorias, reconfigurando-as. Esses artifícios tecnológicos não foram descobertos apenas em março de 2020, porém a partir dali passaram a ser amplamente utilizados e naturalizados para melhorar o caminho que a informação percorria para alcançar o outro lado da ponte mediadora do jornalismo.

Conforme o modelo criado por Pol e Ville (2009 *apud* CASTILLO *et al*, 2017, p. 962), entre as inovações são classificadas as que almejam lucro e as que almejam benefício e bem-estar social. A primeira, sendo denominada de inovação empresarial, e a segunda, inovação social, onde ambas podem ser inovações tecnológicas ou não. Deste modo, nota-se que a inovação no jornalismo pode ser inserida nas duas classificações, levando em consideração que as informações acerca da pandemia proporcionam benefícios sociais, mas também geram lucro para as empresas e profissionais de comunicação, cada uma tendo o seu grau de importância na cadeia de produção jornalística.

Com relação às possibilidades de inovação tecnológica para o jornalismo:

Destacam-se referências para as práticas de jornalismo de dados, jornalismo de plataforma, jornalismo imersivo, *branded journalism*, entre outras. Também destacam-se as referências que indicam atividades ou experiências jornalístico *full digital* (nativas digitais) como ambiente mais propício para abrigar o jornalismo inovador (CORRÊA; GIACOMASSI, 2018, p. 63).

A partir disso, surge o que chamamos de “jornalismo de inovação” que segundo Elias Machado (2010 *apud* FLORES, 2017, p. 3) é aquele onde ocorrem modificações nas técnicas, tecnologias, processos, linguagens, formatos e dispositivos, fazendo com que a produção e o consumo de informações sejam potencializados. Aplicando todas essas oportunidades de mudança no contexto da pandemia é possível destacar que a “inovação pandêmica” se deu através das novas formas de retratar a história e do novo jeito de consumir notícias.

Se já era difícil prender a atenção da audiência pré-pandêmica, durante o isolamento foi necessário dominar novos recursos, softwares, rotinas, e formatos para conquistar e “transmitir as informações indispensáveis para o público, de uma forma que qualquer pessoa possa entender a real situação que está acontecendo” (CUNHA, 2021, p. 45), usando como principal aliado para tal, os recursos tecnológicos.

Regina Rosseti (2013 *apud* MARTINS, 2018, p. 36) afirma que “a inovação é um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea midiaticizada e pode perpassar todo o campo da Comunicação”. Contudo, salientando que nem toda tecnologia precisa ser digital, chegamos ao conceito de Tecnologia Social (TS), que é entendida como “um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS, 2004 *apud* MCTI, 2022). Ela é o resultado de uma ação coletiva sobre um processo de trabalho que permite modificar o produto gerado, através de controle e cooperação, segundo a decisão de todos (DAGNINO, 2009 *apud* CASTILLO *et al*, 2017, p. 968).

Levando isso em consideração, podemos aplicar a TS ao jornalismo com a criação de formatos acessíveis que possibilitem a inserção popular a fim de alcançar mudanças e melhorias sociais, e como afirmam os autores citados, modificar o produto. Segundo Bruno Fiorini e Luciana Carvalho (2022, p. 65), “a comunicação contemporânea traz para o jornalismo desafios aos quais a profissão tem que estar disposta a superá-los, o que em outras palavras seria estar sempre inovando”.

Isso pode ser feito através da implantação de uma linguagem clara e acessível a todos os públicos, de rotinas de produção mais sensíveis a profissionais e fontes, além de novos formatos de conteúdo, por exemplo, utilizando as redes sociais como colaboração com a comunidade ou do jornalismo multimídia, que propõe a interação entre o público e o conteúdo.

As tecnologias digitais têm servido como motivadoras para o engajamento do público no processo noticioso à medida que a audiência é convidada a contribuir através de comentários, blogs, fóruns, redes sociais, chats, fotos, vídeos ou textos – um fluxo constante de material, pois o jornalismo on-line se tornou socialmente envolvente e orientado (SINGER, 2011 *apud* MESQUITA *et al.*, 2020, p. 167).

Carlos Pernisa Júnior (2010, p. 9), tratando do jornalismo multimídia e transmidiático, afirma que essas práticas devem ser cultivadas, “sempre com a perspectiva da experimentação, que vai além do que está, de certa forma, programado, e busca novos caminhos a cada dia”, ou seja, inovação. Utilizando-se da mesma lógica, e trazendo para a aplicação da TS no jornalismo, é importante que estejamos abertos ao debate sobre tais temáticas, para que sejam mais vistas e, conseqüentemente, mais aplicadas no meio jornalístico e para que tenhamos pontapés iniciais de experimentação, a fim de alcançar novos rumos. Essas mudanças, obviamente, devem ser feitas sem esquecer do caráter ético, profissional e íntegro do jornalismo.

Envolver o público no conteúdo jornalístico também reforça mais uma vez a importância da mediação informacional, que como explica Yasmim Cunha (2021, p. 33) também é um papel social do jornalismo, trazendo transparência e clareza para a população, duas características cruciais para o enfrentamento da pandemia. Mesmo após a chegada das vacinas ao Brasil, em janeiro de 2021, a Covid-19 ainda era a pauta principal dos meios de comunicação, para que não se tornasse cansativo, já que outros problemas “não eram tão noticiados nesse momento ímpar da história mundial” (ANTONIUTTI *et al.*, 2022, p. 7), a inovação também se torna crucial, através de novas abordagens e formatos de conteúdo.

O manual virtual para combate à pandemia da COVID-19 no Piauí

A partir da necessidade de aplicação dos conceitos de Inovação e Tecnologia Social, surge nossa ferramenta: o Manual Interativo de Combate a Pandemias (MINP). O produto é um *site* de caráter virtual e imersivo baseado em tecnologia social executada no digital, de cunho jornalístico unido ao desenvolvimento tecnológico, com o objetivo de apresentar e instigar formas de ajudar na reflexão, debate e ação, para o combate a pandemias e epidemias e com escopo geográfico no estado do Piauí, sem impedir que ele seja utilizado por diversas partes do Brasil.

O projeto nasceu com foco principal na Covid-19, mas outras pandemias e posicionamentos para futuras pandemias também são registrados, assim o material

cumprirá seu papel jornalístico de “promover a interação e a mediação da esfera pública e da participação da sociedade em discussões sobre saúde e ciência, que devem ser temas acessíveis a todos” (CUNHA, 2021, p. 47).

O manual foi produzido entre os meses de agosto de 2021 e julho de 2022 e é dividido, primordialmente, em quatro seções: a primeira contém uma linha do tempo interativa que retrata todo o andamento da pandemia desde o primeiro registro de sintomas do vírus na China, em 12 de dezembro de 2019 até os primeiros sinais da chegada da quarta onda de Covid ao Brasil em 02 de junho de 2022, os dados apresentados são acompanhados de *hiperlinks* que dão acesso a páginas com breves resumos que aprofundam os temas relacionados à pandemia. A partir desses acontecimentos, a segunda seção é intitulada ‘o que veio depois?’ e mostra o desenvolvimento da pandemia com uma série de tópicos relacionados aos desdobramentos, informações e curiosidades que marcaram o período e/ou que estão acontecendo no presente.

A terceira foca no futuro da pandemia e conta com pesquisas, dados e entrevistas com especialistas da área da saúde que explanam sobre o que pode ainda acontecer em relação à Covid-19 no Piauí e no Brasil e também sobre hipóteses e estudos de futuras pandemias. E a última chama-se ‘#FicaADicadoMINP’, que traz indicações de perfis nas redes sociais, séries, documentários, *podcasts* e outras produções que retratam questões pandêmicas e auxiliam o usuário numa melhor compreensão dos fatos. Além disso, destacam-se os *quizzes*, que são jogos de perguntas múltipla escolha acerca de temáticas como as vacinas e o ‘fato ou *fake* sobre a pandemia’ com o objetivo de entreter e educar, e as páginas de contato e sobre o projeto para enfatizar o caráter científico do manual e apresentar quem o produziu.

A interatividade se dá por meio dos *gifs*, vídeos, ilustrações, *quizzes*, imagens e *hiperlinks*. Configurando uma plataforma que utiliza-se do jornalismo multimídia para transmitir informações, como explica Carlos Pernisa Júnior (2010, p. 7-8):

esta construção é feita basicamente por meio de *links*, onde cada um destes remete a algo que está fora do interesse principal de seu foco de atenção. Assim, cada matéria menor deve ter uma angulação precisa e bem desenvolvida, que se liga às outras de modo a criar uma estrutura maior, que pode ou não ser vista pelo usuário, conforme o seu interesse.

Dessa maneira, o MINP torna-se simples, didático, acessível e atrativo àqueles que o visitam, e reforça a importância de criar dispositivos interativos para refletir

questões pandêmicas envolvendo informação, prevenção e combate. Almeja-se que o manual possa ser utilizado por órgãos públicos e privados, de saúde ou não, pela sociedade geral, em especial as comunidades, e por escolas e universidades como instrumento de debate, fonte de reflexão ou ainda para inspirar outras pesquisas relacionadas ao tema.

O intuito é conscientizar acerca da complexidade das pandemias e aplicar os conhecimentos de tecnologia social e jornalismo nos espaços já citados, além de também configurar-se como um espaço de memória, com informações sobre o tema que podem ser acessadas futuramente por quem não viveu a pandemia, corroborando com mais um papel do jornalismo, como explica Marcos Palacios (2010, p. 39-40):

o duplo lugar ocupado pelo Jornalismo, desde a Modernidade: espaço vivo de produção da Atualidade, lugar de agendamento imediato, e igualmente lugar de memória, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica.

Para alcançar tais resultados, o *site* foi pensado em um formato descomplicado e interativo, desenvolvido através da plataforma de criação e edição de sites *Wix* e foi inteiramente construído pelos pesquisadores, dos materiais visuais aos textos, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, que “é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico [...] e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico” (ALVES; OLIVEIRA; SOUSA, 2021, p. 66), para embasar tanto o presente artigo, quanto os textos informativos presentes no manual. Espera-se que esse produto também possa inspirar pesquisas futuras acerca das tecnologias sociais no jornalismo e gerar debate sobre a importância da aplicação desses conceitos nos ambientes educacionais.

O fazer, o agir, o inovar. Por dentro do manual virtual para combate à pandemia da COVID-19 no Piauí. Avanços para um debate da importância da mediação informacional

Na realização do Manual Interativo de Combate a Pandemias, levou-se em consideração o público-alvo a qual o material se destina, que são acadêmicos na faixa de idade de jovens a jovens adultos ou seja, entre 18 e 29 anos, e professores que interagem com esse público. A parte identidade do manual foi construída para não parecer

visualmente com um portal de notícias tradicional, o diferencial se dá pelas ilustrações e cores vibrantes, em tons de azul, que significam criatividade, confiança e estabilidade, entre outras, trazendo dinamismo ao conteúdo e deixando o *site* mais leve e atrativo. A interatividade foi escolhida por possibilitar uma participação efetiva do usuário em um espaço onde ele pode fazer suas próprias escolhas (PERNISA JÚNIOR, 2010, p. 5), já que o manual busca ser um instrumento de tecnologia social aplicada, que se diferencia e inova a partir do conceito de Regina Rossetti (2013, p. 64 *apud* MARTINS, 2018, p. 36):

a inovação está presente também no impacto social das novas tecnologias de comunicação e informação, no novo receptor, agora produtor e interativo, nos processos cognitivos, nas linguagens, na estética e até mesmo em novas abordagens metodológicas e teóricas de comunicação. Isso porque a inovação é um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea midiaticizada e pode perpassar todo o campo da Comunicação.

A disponibilização do projeto de forma virtual foi definida como a melhor opção pela facilidade de acesso e diversidade de possibilidades, como explica Marcos Palacios (2003, p. 24 *apud* PALACIOS 2010, p. 44), o Jornalismo Online dispõe de um espaço virtualmente ilimitado, no que diz respeito à quantidade de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição do seu público-alvo, além da possibilidade de atualização contínua não só por parte do produtor, mas também do usuário, através da interatividade e dos recursos de hipertextualidade e multimídia.

Dessa forma, destacam-se no manual as inovações estéticas, linguísticas e principalmente metodológicas, através dos recursos interativos que, em geral, são simples, tais como *gifs*, *quizzes*, ilustrações, textos, fotos, vídeos e *links*, e ainda assim, observa-se que são subutilizados ou não-utilizados pelos profissionais da comunicação. Portanto, almeja-se que uma das consequências desse trabalho seja o aumento de possibilidades para a utilização desses recursos em materiais jornalísticos dentro e fora da academia.

Optou-se pela divisão do manual em quatro seções para facilitar o caminho percorrido por quem acessa o *site*, seguindo uma ordem lógica dos acontecimentos nas três primeiras, que apresentam a pandemia em ordem temporal, e indicando novos caminhos na última, a partir das indicações de produções sobre a Covid-19, que foram escolhidas a partir dos critérios de relevância, inovação e concordância com a temática. Apesar da centralidade no período atual, busca-se também retratar pandemias anteriores

e hipóteses de futuras pandemias, no intuito de abrir o debate e provocar reflexões sobre o tema.

Analisando o processo de feitura do material, notam-se como pontos positivos: a prática do jornalismo multimídia, a aplicação das tecnologias sociais digitais e a busca por caminhos inovadores no jornalismo. Negativamente, destacam-se: a dificuldade de condensar as informações que envolvem os três anos pandêmicos e a disparidade encontrada em algumas delas, como datas divergentes. Esses percalços foram solucionados com a utilização da pesquisa bibliográfica que tem como principal característica “as fontes confiáveis e concretas que fundamentam a pesquisa” (ALVES; OLIVEIRA; SOUSA, 2021, p. 68).

Tendo essas informações como base, conclui-se que o Manual Interativo de Combate a Pandemias tem potencial para gerar impactos positivos e contribuir com a sociedade, onde destacam-se: a conscientização e o debate de questões pandêmicas, a oportunidade de entender e construir um produto de tecnologia social e a possibilidade de compartilhar e discutir a aplicação dos conceitos apresentados nessa pesquisa a fim de colaborar para um jornalismo mais acessível, inovador e interativo.

Referências

ALVES, Laís Hilário; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SOUSA, Angélica Silva de. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Campinas: Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, 2021, pp. 64-83.

ANTONIUTTI, Cleide Luciane; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins; SALES, Lucas Sobreira Galvão; SILVA, Thais Suiane Santos da; SOUZA, José Jullian Gomes de; VASCONCELOS, Wesley Guilherme Idelfoncio. **Análise comparativa entre os meses iniciais de 2020 e 2021 no processo de monotematização da cobertura jornalística durante a pandemia da COVID-19 no Jornal Nacional**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 45, 2022, pp. 1-12.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Quem cuida de quem cuida? As redes sociais em tempos de combate à pandemia da COVID-19 contra as fake news**. O caso do Instagram e do WhatsApp da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Piauí. Santa Cruz do Sul: Revista Rizoma, v. 8, n. 1, 2020, pp. 165-184.

BRENOL, Marlise Viegas. **Telejornalismo em tempos de fake news**. IN: EMERIM, Cárilda (org.). Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas. Florianópolis: Insular, 2020.

CARVALHO, Luciana Menezes; FIORINI, Bruno José. **Inovação na produção audiovisual jornalística midiaticizada: o DROPS do Estadão como jornal interativo efêmero para o Stories do Instagram**. Curitiba: Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, n. 23, 2022, pp. 60-78.

CASTILLO, Leonardo; CORREIA, Suzanne; GALVÃO, Carlos Eduardo de Sousa; GÓMEZ, Carla; MEDEIROS, Carolina Beltrão de. **Inovação social além da tecnologia social: constructos em discussão**. Joaçaba: RACE – Revista de Administração, Contabilidade e Economia, v. 16, n. 3, 2017, p. 957-982.

CORRÊA, Elizabeth Saad; GIACOMASSI, Fernanda. **Inovações no jornalismo para além das tecnologias digitais**. São Paulo: Líbero – Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, ano XXI, n. 41, 2018.

COUTINHO, Iluska; PEREIRA, Ariane. **A dor da gente agora sai no jornal: o discurso de poder na dramaturgia do telejornalismo**. IN: EMERIM, Cárilda (org.). Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas. Florianópolis: Insular, 2020.

CUNHA, Yasmim Helleen. **O eu jornalista contra a pandemia: rede Piauí sem Covid**. Teresina: EdUESPI, 2021.

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho. **Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 14, n. 2, 2020, pp. 273-278.

FIDALGO, Joaquim; MARTINS, Paulo; MIRANDA, João. **Jornalistas em tempo de Pandemia: novas rotinas profissionais, novos desafios éticos**. Braga: Revista Comunicação e Sociedade, v. 39, 2021, pp. 287-307.

FLORES, Ana Marta M. **Inovação no jornalismo: uma proposta estratégica a partir dos Estudos de Tendências**. Curitiba: Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos; SILVA, Vinícius Henrique. **As transformações do jornalismo em tempo de fake news: a prática de Fact-Checking como ferramenta de reafirmação do compromisso com os fatos**. Brasília: Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v. 12, n. 30, 2022, pp. 1-16.

LASTA, Elisângela. **A práxis reflexiva das relações públicas na sociedade midiaticizada: mediação estratégica comunicacional nos blogs corporativos**. Santa Maria: Tese apresentada ao Doutorado em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

MARTINS, Elaide. **Modos e sentidos da inovação no jornalismo**. São Caetano do Sul: Revista Comunicação & Inovação, v. 19, n. 39, 2018, pp. 35-49.

MCTI – MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES. **Tecnologia Social**. Disponível em: <https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/politica_nacional/_social/Tecnologia_Social.html>. Acesso em: 11.mai.2022.

MESQUITA, Lucia; SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski; SANTOS, Mathias Felipe de Lima; SILVA, Giulianer Carpes da. **Como as plataformas digitais provocaram uma ruptura no modelo de jornalismo consolidado no século XX**. Aracaju: Revista Eptic, v. 22, n. 1, 2020, pp. 161-178.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História**. São Paulo: Revista Matrizes, v. 4, n. 1, 2010, pp. 37-50.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. **Jornalismo Transmidiático ou Multimídia?** Curitiba: Revista Interin, v. 10, n. 2, 2010, pp. 1-10.

SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz). 2021. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>>. Acesso em: 07.mai.2022.

SOARES, Filipa Andreia Lopes Ferreira. **“Jornalismo de secretária”**: reproduzir as notícias dos outros: o caso dos media internacionais. Braga: Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, 2012.

VITAL, Nicholas. **Como a pandemia acelerou o processo de inovação no mundo**. Época Negócios, 26 nov. 2020. Life Hub. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Life-Hub/noticia/2020/11/como-pandemia-acelerou-o-processo-de-inovacao-no-mundo.html>>. Acesso em: 14.mai.2022.